

Contos de amor, desejo e perda¹

João de Mancelos

Três contos do livro

¹ Mancelos, João de. *Contos de amor, desejo e perda*. Lisboa: Edições Colibri, 2018. ISBN: 978-989-689-282-1.

O frágil silêncio dos icebergues

Viajávamos sempre à noite, por vias secundárias, longe das autoestradas, bordejando fiordes batidos pelo vento e pelo mar. Só parávamos para abastecer em lugarejos com o nome de antigas princesas viquingues e navegadores esquecidos, rebanhos de casas de madeira, pintadas de ocre. Exaustos, adormecíamos em motéis na orla da floresta, onde não pudéssemos ser reconhecidos. Registávamo-nos só com o meu nome, fingíamos ser um casal e nunca permanecíamos mais de um dia. Eu e tu na longa noite nórdica, fugitivos rumo à incerteza.

A primeira vez que ele te espancou foi um mês após o casamento. Enfureceu-se de ciúmes, apenas por te ver a conversar com um vizinho que mal conhecias, à entrada de casa. Porque na mente doentia dele, uma suspeita era considerada uma prova. Jazeste meia hora no chão, abraçada às pernas, em choque, entre lágrimas, implorando piedade. Não pudeste acreditar que um dia beijaras o colosso de punhos cerrados, como um deus de ira, a sua sombra violenta abatida sobre ti.

Após recuperares do choque e da incredulidade, quiseste terminar o casamento e denunciá-lo à polícia; ele ameaçou tirar-te tudo: a casa, o dinheiro, a vida. Começara a queda vertiginosa nas bofetadas, murros, pontapés e palavras como gumes em brasa. Quando o ato de amor se tornou violação, quando te fez submissa no teu próprio sono, quando passaste a dormir nos braços do inimigo, perdeste-te. Logo a depressão chegou, com passos de veludo, a coberto da insónia. Eras um edifício em demolição lenta, fragmento a fragmento, até te transformares apenas em pó.

Foi há três dias, mas pareceu-me terem transcorrido mil anos. Acordei, estremunhado, a meio da noite, com o telefone da mesa de cabeceira a tocar. Levantei o auscultador. A tua voz tremia, do outro lado:

“Aconteceu. Vem buscar-me ao sítio que combinámos.”

“Estás bem?”

“Foi mau”, pausaste, “mas não tenho nada partido.”

Suspirei e disse-te:

“Traz dinheiro, documentos, roupas, o que for preciso...”

“Tenho tudo pronto e —”

“Sim?”

“Levo o revólver também.”

“E ele?”

“Dorme, completamente bêbedo.”

“Estou aí em trinta minutos.”

“Não te atrases, por favor. Tenho medo.”

Desliguei o telefone e vesti-me rapidamente.

Era apenas uma questão de tempo até acontecer e ambos o sabíamos. Por isso, preparáramos tudo com antecedência, desde o local de encontro ao destino a seguir, passando pela bagagem e amigos a avisar. Retirei do armário a mala que já tinha pronta e algum dinheiro, para evitar o recurso ao cartão de crédito. Rabisquei uma nota para o meu colega de casa, uma das poucas pessoas que conheciam os nossos planos, e prendi-a por um magneto à porta do frigorífico. Olhei em redor. Talvez não regressasse.

Estava um frio gélido na rua, que a ventania soprada pelo Mar do Norte volvia cortante. Nevara algumas horas, na véspera, e um manto branco cobria as casas, os passeios e os caminhos. Conduzi, com cautela, através da cidade adormecida, alheia ao nosso drama. O coração batia-me, descompassado, por não saber o estado em que te encontravas.

Os edifícios cederam lugar à floresta de pinheiros nórdicos, frondosa e branca. Não tardei a ver a pequena ponte cruzando o rio, a dois quilómetros de tua casa. Encontravas-te sentada sobre o muro, com uma mala e uma mochila de campismo poisadas na berma, a teu lado. Na mão direita, seguravas ainda um revólver, a tremer. Calçavas botas de montanha, vestias calças de ganga e um anoraque azul e longo. Parecias mais perdida do que nunca.

Saí do jipe e abracei-te. Tinhas o lado direito da face pisado e os olhos raiados de sangue.

“Escuta-me bem”, disse-te. “Tens a certeza? É mesmo isto que queres?”

“Absoluta. É agora ou nunca.”

“Não preferes apresentar queixa?”

“E se fizesse isso, iria para onde?”

“Para minha casa, é claro.”

“Ele sabe que fomos namorados. Procurava logo aí.”

“Sabes que ele virá atrás de nós, de qualquer maneira...”

Abanaste a cabeça.

“Não fico nem mais um minuto.”

Recolhi-te a bagagem. Nenhum de nós olhou para trás, quando nos afastámos da cidade, rumo à costa. Tínhamos um plano; frágil, mas ainda assim um plano. Atrair o colosso o mais possível para norte até ele nos perder o rasto. Depois, cruzávamos a fronteira da Noruega para a Suécia. Então, largaríamos as estradas secundárias e tomaríamos uma das grandes vias que conduzem ao sul. Com a ajuda de um casal amigo, recomeçaríamos, em Estocolmo, livres e longe do medo.

Ao terceiro dia de fuga, pernoitámos num motel isolado, após uma jornada de

seiscentos quilómetros, exaustos de tanta e tanta estrada. Abraçamo-nos, sob um chuveiro deliciosamente quente. Pouco a pouco, o cansaço dissolveu-se, e deu lugar ao sono. Poisei o queixo sobre a tua cabeça. O corpo contava a tua história: uma cicatriz na fronte, de quando ele te atirou com uma garrafa de vodka; um dedo fraturado que soldou mal, resultante de uma cena de ciúmes; mais recentes, os hematomas ao longo dos braços e no rosto.

Beijei as tuas feridas, uma a uma.

Durante o resto da noite e boa parte da manhã, dormiste, intermitentemente. Eu tive insónias. Suponho que fosse do rol de cafés que tomara para me manter acordado ao volante. E também do medo. Sempre que ouvia um automóvel estacionar no parque de gravilha do hotel, erguia-me, sobressaltado, da cama, afastava cautelosamente os cortinados e espreitava. Era apenas um camião de transportes internacionais, com matrícula finlandesa. Suspirei fundo. O colosso conduzia um Cadillac da década de sessenta, negro, brutal, de cromados flamejantes, impossível de ignorar. Podia alcançar-nos num ápice, se desejasse, e devia estar a caminho.

O teu sono era inquieto e, não raro, estremecias ou murmuravas frases sem nexo. Abanei-te o ombro até entreabrires os olhos:

“Estavas a ter um pesadelo?”

Esfregaste o rosto.

“Sim. Com ele.”

“Não te preocupes. Aqui é seguro.”

“Por enquanto.”

“Não ficaremos muito tempo.”

“Achas que um dia nos vai descobrir?”

“Não sei”, encolhi os ombros. “E tu?”

“Ele ama-me demasiado para me deixar ir.”

Pensei: e odeia-te em igual medida, por o teres abandonado. No fundo, ambos sabíamos que seria uma questão de tempo até o teu marido nos alcançar. Podemos esconder-nos de um lobo esfomeado, mas nunca nos escapulimos dele. Somos animais feridos e ele fareja o sangue da presa, em fúria por a ter deixado fugir. Não importa quão vasta é a floresta, nem alta a neve que cobre as nossas pegadas, nem densa a noite em que nos acoitamos.

Ele encontrar-nos-á.

Instintivamente, contemplei o revólver poisado na mesa de cabeceira. Ignoro se seria capaz de o usar; mas tenho a certeza de que premirias o gatilho, porque há muito ultrapassaste o limite, e preferes morrer lutando.

Voltei a deitar-me nos lençóis frios, sem conciliar o sono. Também estavas acordada.

Perguntaste:

“Algum dia viste um icebergue?”

“Ao vivo? Nunca. Só na TV e em fotos.”

“Compreendo.”

“Porquê?”

“No outono dos meus quinze anos, o meu pai levou-me a ver os icebergues.”

“Onde? Já quase não há, na costa norueguesa.”

“A norte, muito a norte. Para lá de Spitzbergen.”

“A viagem deve ter custado uma fortuna, não?”

“Nem por isso. Porque aproveitámos a boleia do navio oceanográfico de um colega do meu pai.”

“E gostaste?”

“Se gostei? Tive uma epifania. Foi o melhor presente de aniversário que alguém me podia dar.”

“A sério?”

Fechaste os olhos.

“Debaixo do sol do Ártico, os icebergues pareciam massas de fogo, não de gelo.”

“Consigo imaginar.”

“E o melhor de tudo sabes o que era?”

“Não.”

“O silêncio. Só se ouvia o marulhar das ondas. Uma calma surreal. Nunca me senti tão tranquila.”

“Muito melhor do que na TV, suponho.”

“Podes crer.”

Ficámos uns instantes sem dizer palavra.

“É loucura, eu sei. Mas, quando eu estava de rastos, a sangrar, no chão da cozinha, só conseguia pensar numa coisa: na paz dos icebergues.”

Abracei-te. Aninhaste-te em mim.

Amámo-nos naquele quarto de hotel perdido a norte. Até não existir mais nada senão nós e tudo aquilo que o amanhã trouxesse. Até o colosso se desvanecer como uma memória longínqua. Até as feridas sararem e as cicatrizes ganharem a cor da pele sã. Por fim, até escutarmos o som dos icebergues quando deslizam pelo oceano e se dissolvem, tranquilamente, na noite mais profunda.

Bela, a princesa do salão de jogos

Recordo-me da primeira vez que a vi, em agosto de 1986, e o fascínio que me provocou. Aos dezasseis anos, Bela era a princesa do salão de jogos. A reduzir a pó naves extraterrestres, a conduzir motas de alta cilindrada nos circuitos mais sinuosos ou a combater o irado King Kong, com aeroplanos, ela batia os melhores. Máquina onde Bela se encontrasse atraía um séquito de adolescentes borbulentos, só para a verem jogar. A rapariga mesmerizava a audiência com a sua coreografia: gingava as ancas, desfechava murros no vidro dos “flippers”, quase arrancava o manípulo de disparar lasers, e soltava mais palavrões do que o papagaio de um pirata.

Bela. O nome assentava-lhe na perfeição. Imaginem Vénus de Milo vestida com sapatilhas cor-de-rosa, “jeans” justos, cabelo de azeviche cingido por uma bandolete azul-bebé, e uma camisola de manga-curta que revelava o suficiente para inspirar os sonhos de rapazes, nas noites infundas daquele agosto. Alta para a idade, modelada, sem se confundir com as raparigas das revistas que escondíamos debaixo do colchão, Bela era o protótipo da adolescente digna de anúncio ou de filme. Apresentável a pais e avós; alvo da admiração dos rapazes e dos ciúmes das raparigas.

Cedo, a jovem descobriu um segredo: a beleza pode converter-se em desejo; e o desejo, em poder. Basta saber usar a arma sedutora, e a rapariga tinha um arsenal. Embora as bebidas alcoólicas fossem proibidas a menores, sob pena de multa ou de encerramento, Bela era uma exceção. O dono do bar fechava os olhos, porque a jovem atraía clientes e animava toda a arcádia. Os rapazes competiam entre si para lhe trazerem uma cerveja ou uma *Coca-Cola* com rum, entre os jogos. Bela nem se preocupava em pagar-lhes — e jamais alguém seria tão sovina que lhe exigisse o dinheiro. A jovem também nunca ficava sem moedas, pois havia sempre um benfeitor, pronto a separar-se da mesada, para lhe financiar mais uma partida.

Então, dançando sempre, Bela segurava na cerveja e serpenteava até ao bar, onde os motoqueiros do clube trocavam fanfarronices e alargavam o estômago, copo a copo. Rapazes serão sempre rapazes, mesmo aos quarenta. Ela sabia-o e tinha-os pelo beicinho. Bastava-lhe posar junto à caixa de música, para que um tipo de casaco e calças de couro disparasse a questão habitual: “O que queres ouvir?” Bela não apreciava a “pop” ou a música de discoteca. O seu peito batia pelos Rolling Stones, Motörhead ou Metallica. Elegia um tema acelerado e, depois, dançava com o sedutor que houvesse metido as moedas.

Tudo tinha um preço, mas nem tudo podia ser pago: era outro princípio pelo qual Bela se regia. Apesar da sua fama de namoradeira, alimentada pelos rapazes e homens que rejeitara, presunçosamente, Bela era intocável e intocada. Recordo-me de uma noite de sábado, em que

o salão de jogos se encontrava à pinha, por causa de um encontro de motoqueiros de norte a sul do país. Os Motörhead tocavam na caixa de música: um som duro e eletrizante, ao qual era inútil resistir. Bela movia-se com graciosidade, cerrando os olhos e entregando o corpo à música, perdida num mundo seu, enquanto segurava no copo de cerveja, sem entornar uma gota.

Um friso de lobos solitários observava-a, encostado ao balcão, salivando, apesar de terem filhas da idade dela. Um dos aceleras locais não tirava os olhos da rapariga. Era um indivíduo alto e magricela, com pelo menos vinte e cinco anos, cara de fuinha, cabelo loiro longo, camisola com um viquingue estampado, chamado Nelson. De súbito, o motoqueiro ganhou coragem, graças a um copo de vodka, e caminhou para Bela, em passadas largas. Ela sorriu-lhe com aqueles dentinhos brancos e certos que prometiam, mas não cumpriam, os beijos mais longos. O tipo colou-se-lhe, perante o espanto da audiência. Dançaram e dançaram, perdidamente. Então, num instante de insensatez, Nelson atreveu-se a apalpá-la. Surpreendida, mas sem perder a compostura, Bela puxou-lhe pelo cinto e despejou-lhe a sua cerveja bem fria pelas calças abaixo. Os restantes motoqueiros aplaudiram-na e ulularam. O macho atrevido retirou-se da pista de dança, humilhado, e a praguejar. Era Bela, no seu melhor.

Conheci-a por uma feliz coincidência: era amigo do seu irmão, praticamente unha com carne. Pertencíamos à mesma turma, passeávamos de mota juntos, e ríamo-nos que nem hienas com as gafes da sétima arte. De outra forma, creio que Bela nem olharia para mim duas vezes. De início, quando visitava o irmão, a jovem tratava-me como se eu fosse o homem invisível. Se nos achava na cozinha, a beber cerveja, às escondidas do pai deles, dirigia a palavra ao mano e nunca a mim. Depois, descobriu que adulávamos as mesmas bandas, e operou-se um milagre: chegou a ter uma conversa de quinze minutos ininterruptos comigo. Senti-me como um deus.

Naquele tempo, quem quisesse curtir longe dos indiscretos possuía apenas uma opção válida: o Monte de Santa Luzia, à noite. A paisagem, só por si, valia uma visita. Do alto, avistava-se a cidade, um manto de luzes multicolores e coruscantes, e o recorte escuro da serra, rasgando o céu noturno. Como se houvesse um código secreto de decoro, os jovens estacionavam os automóveis e as motas a uma distância razoável dos outros, coibindo-se de lançarem piropos ou olhares atrevidos. Neste cenário tranquilo, bastavam algumas baladas na rádio para que as raparigas se derretessem de romantismo e, claro, de desejo.

Em agosto, eu tinha uma namorada culta (tinha lido metade dos livros da biblioteca escolar), e divertida, em igual dose. Era uma pequena fada de aparelho nos dentes, algo gorducha, e pele tão branca que parecia brilhar na escuridão. Vestia-se sempre de negro e tentava converter-me à música gótica de uma série de bandas de nomes melancólicos. Num feriado à noite, levei-a na minha Kawasaki para contemplar a paisagem (desculpa oficial) e beijá-la delirantemente (projeto oficioso). Tudo correu como previsto. Quando me afastei para urinar

atrás de uma árvore, verifiquei que não estávamos sós: mais abaixo, numa curva do monte, havia dois vultos. Para espanto meu, eram Bela e o motoqueiro de cabelo loiro que a adolescente rejeitara no salão de jogos. A rapariga encontrava-se em pé e ele, no solo, inanimado, junto a uma poça de sangue. Ao lado, a mota, caída na relva. Na altura, só me ocorreu que tivessem sofrido um acidente grave.

“Bela!”, gritei.

A rapariga virou o rosto na minha direção, sem me responder. E atirou um seixo, que rolou pela encosta abaixo.

“Precisas de ajuda?”

Ela respondeu um sumido “sim”.

Desci a trote a encosta até junto deles. Bela encontrava-se descalça; a camisola de manga curta, rasgada num dos ombros; tinha uma equimose no rosto e os braços arranhados. O motoqueiro perdera metade do rosto, provavelmente desfeito pela pedra que a jovem lançara para longe.

“O que se passou?”

“Ele, ele...”, murmurou Bela, em choque.

“Ele tentou...?”

Bela assentiu. Quis abraçá-la, mas repeliu-me, com força.

“Temos de chamar a ambulância”, sugeri.

“Não adianta. Ele está morto.”

“Era para ti, Bela, não para ele.”

“Estou bem. Livra-me disto, por favor”, suplicou-me, apontando para ele.

Respirei fundo. Algo aprendi com quilómetros de película de filme: os planos simples têm mais hipóteses de funcionar. Venci a repugnância que aquela meia cabeça ensanguentada me causava. O motoqueiro era pesado, mais do que supunha. A custo, consegui (sozinho, porque Bela recusava-se a tocar-lhe) empoleirá-lo na máquina. Fiz a ignição e empurrei-o pela encosta abaixo. O cavaleiro e a mota precipitaram-se. Ele saltou do selim e embateu nalgumas pedras. A máquina prosseguiu, com um rugido, até explodir numa bola de fogo e se dilacerar em estilhaços. Com sorte, parecia um acidente ou um suicídio.

De súbito, ouvi passos atrás de nós. Voltei-me e verifiquei ser a minha namorada. Tinha assistido a tudo. Tapara a boca, incrédula, os olhos esgazeados de terror. Segurei-lhe nos braços e ordenei-lhe:

“Escuta-me com atenção. O que aconteceu aqui, hoje, é para esquecer, certo?”

“Sim”, replicou com voz débil.

“O tipo teve o que merecia.”

As raparigas entreolharam-se.

“Agora, vou levar-te a casa”, declarei à minha namorada. “Depois, venho buscar a Bela.”

“Não me deixes aqui!”, implorou-me Bela.

“É impossível levar as duas. Prometo-te que, daqui a vinte minutos, estou de volta.”

Assim fiz: a toda a velocidade, cortando curvas, acelerando perigosamente, sob o efeito da adrenalina e da aflição. Após ter largado a minha namorada em casa, regresssei. Encontrei Bela de pé, na berma da estrada, à minha espera. Estava descalça, em lágrimas, com os braços encolhidos. Dei-lhe boleia, como prometera. Fez-me jurar que jamais contaria a alguém o sucedido.

Decorreram quase vinte anos, desde o instante epifânico em que admirei Bela pela primeira vez no salão de jogos. Pressentindo que a encontraria no mesmo lugar, uma pontinha de nostalgia fez-me vir beber uma cerveja e talvez trocar dois dedos de conversa. Mas o passado nunca é tão grandioso como o recordamos. Mesmo numa sexta à noite, quando metade da cidade sai para se desintoxicar do trabalho, o salão é um pálido reflexo do que foi. Quase vazio e escuro como uma caverna. Onde antes rodopiavam jovens lindas, jovens atrevidas, jovens com aparelho nos dentes, jovens com perfume de pastilha elástica de menta, apenas voltejavam a poeira e as memórias.

No bar, só dois motoqueiros, um tanto ou quanto inebriados, recordam estradas de fogo e canções gastas, e discutem o preço das portagens. Até as máquinas de jogos, que deram nome ao salão, já passaram de moda, emagrecem sem as moedas que as alimentavam, e algumas “flippers” nem funcionam, porque sai dispendioso consertar o emaranhado de fios que corre no seu ventre. Tudo passa, menos a memória dos dias gloriosos.

Encontrei Bela, ali, a desfazer asteroides, com a mesma perícia de sempre, mas tão solitária. Uma princesa já sem séquito.

Contemplei-a longamente.

Ganhou algum peso, principiaram as rugas ao redor dos seus olhos e o cabelo, agora, é curto. Ainda ginga as ancas, esmurra as máquinas, e atrai alguns olhares pois é uma lenda local e faz parte da mitologia da nossa adolescência. Trocou as camisolas de manga-curta por um vestido longo e negro. Nas costas nuas, tem uma nova tatuagem. Representa um motoqueiro em chamas, acelerando para o precipício mortal.

Queridos demónios

Alerta, combatente, alerta — até à exaustão. Quando não consigo conciliar o sono, conduzo, noite após noite, pelas ruas desta cidade morta. Procuo alguma paz, uma redenção, um consolo. Porém, é impossível fugir do medo, bem o sei. Esvoaça entre as árvores, tão escuro como borboletas noturnas. No vento, anuncia-se como um gemido. No apito distante do último comboio cruzando a ponte, é um grito.

Sem descanso nem tréguas, o medo serpenteia, subtil, entre as memórias. O inimigo rasteja, silente, sob a minha cama. Varre-me à metralhadora, mal abro a porta do armário. Senta-se, hirto, no banco de trás do carro, a fitar-me, com olhos vazios. Nalgumas noites, é a mulher que dorme a meu lado, à espera do meu sono para me cortar a garganta. Noutras, transforma-se no fantasma de um camarada de armas que ignora estar morto e quer jogar às cartas comigo.

Durante o dia, o medo é uma neblina gélida a insinuar-se no corpo e nos pensamentos. Quando consigo dormir, inquina-me os sonhos, transformando-os em poços de água envenenada. O terror bebe da sombra; alimenta-se das escamas de outros medos; cresce até se volver num monstro longo e húmido. É a naja cuspeira que uma tarde observei, na selva, a serpentear entre as botas dos soldados, transidos de pavor.

A guerra deles terminou há mais de vinte anos. A minha apenas começou.

Evito os velhos camaradas e os seus patéticos encontros saudosistas. Que fiquem com os discursos, o heroísmo do Galo de Barcelos, as medalhas a enfeitar o peito vazio, a bandeira esticada sobre os esquifes, o dever cumprido, numa guerra errada. O que me roubaram jamais regressará e o que me deram eu nunca consegui perder. Na mão direita, haverá sempre o peso de uma arma, mesmo quando está vazia. Na esquerda, esse querido demónio que me leva, sorrindo.

Fizeram-me herói — por engano. Salvei três irmãos de armas, sem hipótese de fuga, entre o rio e o mato, com as balas e as horas contadas, o pânico nas pupilas. Ninguém se atrevia a cruzar a distância de cem metros até eles, sem nada onde nos ocultarmos, para lhes levar munições ou reforçá-los em número. Já os dávamos como perdidos.

Porém, não soube que impulso me fez atravessar aquele espaço de morte. Atirei-me de G3 em riste, o glorioso som dos estampidos, a beleza no rasto dos projéteis, o beijo de Deus em cada negro que despachava para o inferno. As balas zuniam ao meu redor, levantavam torrões, decepavam o mato ralo. Nos últimos metros, rebolei até à posição deles, entreguei-lhes as munições e acabámos com o maldito cerco. Guardo um segredo escuro: não os salvei por

coragem, mas porque nunca acreditei sobreviver.

Não há maior suicida do que um herói. Procurei a morte, vezes sem conta. Chamei-a. Implorei-a que viesse. Prometi dar-lhe de comer à boca, carinhosamente. Cada dia no mato ou patrulhando o rio, no quartel ou nas estradas poeirentas, durava uma eternidade de sofrimento. Idealizei que era cortado em dois por rajadas de metralhadora, ou que tombava em febre, vítima dos dentes de uma cobra. Só para que o inferno terminasse de vez.

Ocasionalmente, durante as patrulhas, debaixo de um sol de um branco escaldante, fechava os olhos e recordava-te. Tínhamos onze ou doze anos e brincávamos aos soldados, aos polícias e gatunos, aos índios e aos “cowboys”, nos campos atrás de casa, em dias longos de verão. As nossas missões eram terríficas, perante inimigos maiores do que a vida: monstros, canibais, criaturas de mundos distantes. Lutávamos com bravura, uma tarde inteira, se fosse preciso, sem sofrer qualquer baixa. E vencíamos-los a todos, no final previsivelmente feliz. Porque na adolescência, tu sabes, é impossível morrer.

E fui herói, nesse verão sem fim, com aroma de pinheiros, vento morno como a pele de uma rapariga, reflexos da mesma prata que cobre os peixes. Por ironia do destino, salvei a vida a um rival. O rapazito lançara-se às águas do rio para te impressionar, logo a seguir ao almoço. Porém, para azar dele, uma indigestão transformou-lhe a comida em pedra no estômago. Gritou de dores, entrou na espiral do pânico, e começou a esbracejar na água, gritando por socorro.

Tirei a camisola e as calças, corri pela margem até um ponto menos profundo e, com braçadas seguras, nadei até ele. Depois, disse-lhe para encher o peito de ar, mesmo que doesse, e flutuasse. A partir daí, com um braço, puxei-o, a custo; com o outro fiz o percurso, ainda longo, até margem.

Durante as longas tardes de brincadeira, eras a nossa enfermeira de serviço, a menina de cabelo em tons de mel e olhos escuros, sempre vestida de branco — suja pela terra e pelas ervas, que nos cosia ferimentos invisíveis, reparava miraculosamente membros fraturados, e examinava as eternas dores. Com o passar das semanas e o arder da minha paixão, estas situavam-se cada vez mais abaixo do ventre.

Rias-te. Bem sabias.

Atrás do estádio, longe do mundo, os nossos beijos começaram, clandestinamente. Sabiam a migalhas de pão centeio e a compota, a transpiração e a pastilha elástica, às cores azul e violeta da adolescência. Arrepiavas-te quando os meus lábios tocavam o teu pescoço. Deixavas-me lambar-te as feridas dos joelhos. Davas-me a mão quando ninguém estava a olhar. Permitias que te tocasse em lugares escuros que os rapazes apenas sonhavam, nas noites longas.

Foi há demasiado tempo. Uma tarde em que cruzava a cidade, sem nada para fazer, ganhei, por fim, coragem para te visitar. Soubera, através de um amigo, que trabalhavas num

bar dos subúrbios, frequentado sobretudo por estudantes no fim de semana. Estacionei perto, entrei e deparei-me com o estabelecimento quase vazio, por ser segunda-feira. Reconheci-te, a atestar o copo de um bêbedo qualquer.

“O que vai ser?”, perguntaste-me.

Tinhas o rosto ainda jovem, mas qualquer coisa morrera nos teus olhos. Ou talvez fosse na forma perfeita como eu os recordara.

“Já não te lembras de mim?”, perguntei-te.

Fitaste-me. Um sorriso abriu-se, por fim:

“Não consigo acreditar! Disseram-me que tinhas morrido!”

“Uma notícia algo exagerada, não achas?”

“É mesmo! Que foi feito de ti?”

Encolhi os ombros.

“Sobrevivo. E tu?”

“Idem”, encolheste os ombros. “Então, o que te trouxe aqui?”

“Sabes, consta que tiras a melhor cerveja da cidade.”

“Posso tentar. É por conta da casa.”

Prosseguimos a conversa, durante meia hora, acerca de rostos desaparecidos, fragmentos de memórias, feridas da vida, até que propuseste:

“Largo o turno daqui a pouco. Queres dar uma volta, depois?”

“No meu carro ou no teu?”

“No teu. Não conduzo.”

Guiei através da cidade, revisitando nostalgicamente os lugares da nossa adolescência: o bairro, a escola, os campos. Por fim, aparquei no estádio.

“Sabia que me ias trazer aqui”, disseste.

“Faz sentido.”

Sentámo-nos nas bancadas, apreciando a aragem fresca do final da tarde. Algumas crianças do clube local jogavam futebol, sob o olhar atento do treinador. Corriam, levantavam-se, protestavam, caíam, magoavam-se, prosseguiam, incessantemente. Com sorte e esforço, algum tornar-se-ia num jogador profissional. Eram tão novos que havia sempre oportunidades a desabrocharem no horizonte.

“É a minha vez de contar a história”, anunciaste.

“Força.”

Falaste-me de corridas noturnas, de rapazes e motas, de promessas quebradas, de esperanças por cumprir, de dias que nunca anoiteceram, de uma bebé que quase nasceu, de uma aliança vendida porque nunca foi usada, do medo de adormecer quando o vento sopra, de

sonhos e projetos que se escoaram para parte incerta.

“Sou um disco riscado”, afirmaste. “Apaixono-me sempre pelos tipos errados. A casa arde, eles partem. Fico de rastos durante meses. Então, mal me recomponho, esqueço a lição. Agarro-me um homem *exatamente* igual ao anterior. E a história repete-se.”

“Por que não quebras o ciclo e escolhes alguém diferente?”

“Achas? Na minha idade, já não gosto de surpresas.”

Puxei de um cigarro e ofereci-te outro. Acendeste-o, inalaste, expiraste e contemplaste os pequenos jogadores, eufóricos por terem marcado um golo digno de um campeão.

“Sabes”, prosseguiste, “o que se espera, por pior que seja, é sempre melhor do que o inesperado.”

Terminámos os cigarros, em silêncio. E desafiaste-me:

“Posso matar saudades de uma coisa?”

“O quê?”

“Não perguntes. Posso?”

“Claro.”

Puseste as mãos ao redor da minha cabeça e beijaste-me. Soube a cigarro e não a compota de amora, nem a pastilha elástica de menta, nem à cerveja roubada no supermercado da esquina, há tantos anos.

“Que tal?”

“Senti-me como um miúdo, outra vez.”

Estivemos ali, sentados na bancada de cimento, até as nuvens começarem a cobrir o céu, impelidas pelo vento do final de setembro, cada vez mais frio, à medida que a noite chegava com pés de veludo. Apesar de a luz escassear, os miúdos não desistiam da batalha, tentando desesperadamente outro golo. Só pararam, quando os pais os vieram recolher. Estavam exaustos, ardendo e transpirando, mas eufóricos.

Também regressámos. Juntos.

Fui abençoado pela raiva; foste amaldiçoada pelo amor. No fim de tudo, nunca teremos de escolher quem somos. Noite após noite, o inimigo ainda rasteja, numa selva de medos, debaixo da minha cama. Por vezes, estás ali, a meu lado, adormecida. Outras, trabalhas até de madrugada, e o leito é frio como um campo de neve. Mas é sempre a tua mão que procuro no escuro.

Sinopse

Contos de amor, desejo e perda é um conjunto de doze histórias marcadas pelo signo da solidão. Apresentam dois amantes em fuga, um psicopata que paga um preço demasiado alto, uma jovem com um segredo perigoso, um peregrino em busca da santidade, um ex-combatente a braços com a paz, etc. Em comum, todas estas personagens se encontram no limite e procuram a redenção através do amor. Contos ora de suspense, ora centrados em figuras perturbadoras, sempre pautados por uma escrita exímia, permanecem na memória do leitor.